

# **INFORMATIVO SÃO VICENTE**

## **Boletim de circulação interna da Província Brasileira da Congregação da Missão**

Ano XLVI - Nº 290

Março – Abril de 2012

Rua Cosme Velho, 241

22241-125 Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 3235 2900

Fax: (21) 2556 1055

---

E-mail:

[informativosv@yahoo.com.br](mailto:informativosv@yahoo.com.br)

[pbcm@pbcm.com.br](mailto:pbcm@pbcm.com.br)

[www.pbcm.com.br](http://www.pbcm.com.br)

Equipe responsável pelo  
Informativo São Vicente

- **Pe. Vinícius Augusto R. Teixeira**
- **Pe. Paulo Eustáquio Venuto**
- **Pe. Gentil José Soares da Silva**

Revisão:

- **Pe. Lauro Palú**

Formatação e Impressão:

- **Cristina Vellaco**
- **Equipe de Mecanografia do  
Colégio São Vicente de Paulo**

**Trindade adorável**

*Eu vos adoro,  
Santíssima Trindade,  
um só Deus em três pessoas,  
Pai, Filho e Espírito Santo.*

*Agradeço-vos por todas as graças  
que tenho recebido de vossa  
bondade.*

*Dou-vos meu coração  
e tudo o que possuo  
para fazer sempre vossa santa  
vontade.*

*Dai-me a graça,  
eu vos peço, ó meu Deus,  
de passar o dia  
sem vos ofender  
e sem prejudicar o meu próximo.*

**Santa Luísa de Marillac  
Escritos Espirituais 49**

# Sumário

---

<b>Editorial</b> .....		<b>51</b>
<b>Voz da Igreja</b> .....		<b>53</b>
<b>Superior Geral</b> .....		<b>59</b>
<b>Palavra do Visitador</b> .....		<b>66</b>
<b>Olhar Teológico</b>	<i>As três Páscoas na passagem da morte para a vida.....</i>	<b>69</b>
	João Batista Libânio	
<b>Herança Vicentina</b>	<i>Luísa de Marillac: Quando deixarmos a Graça fecundar a nossa humanidade.....</i>	<b>71</b>
	Irmã Carolina Mureb, F. C.	
<b>Espiritualidade</b>	<i>Fixar a Estaca da Comunidade .....</i>	<b>77</b>
	Pe. Eli Chaves dos Santos, F. C.	
<b>Vida da Província</b>	<i>Assembleia Provincial.....</i>	<b>84</b>
<b>Formação</b>	<i>Formar é um ofício de amor.....</i>	<b>88</b>
	Pe. Odinei de Paiva Magalhães, C. M.	
<b>Na Missão do Céu</b>	<i>Padre Ézio Rodrigues de Lima.....</i>	<b>92</b>
	Pe. Luiz de Oliveira Campos, C. M.	
<b>Notícias</b> .....		<b>95</b>

# Editorial

---

Avançados em nossa caminhada, somos brindados com mais um número do *ISV*, o segundo desse ano, que nos motiva a fazer aflorar em nós as reservas de esperança que, com o passar dos dias e dos desafios encontrados, parecem diminuir.

Ao descobrir que cada um de nós é fruto do pensamento e do amor de Deus, somos interpelados a perceber verdadeira e plenamente o sentido de nossa vida. Nossa resposta a esse grande amor é oferecê-la como dom a Deus e ao próximo. Dois amores que são expressões do único amor divino, diz-nos o Santo Padre, que devem ser vividas como resposta ao chamado de se consagrar na alegria, de gerar comunhão e de semear esperança no sacerdócio presbiteral e na vida consagrada. Em sua carta por ocasião do Dia Mundial das Vocações, Bento XVI exorta a todos que têm responsabilidade de estar à frente e de conduzir o povo de Deus “a uma escuta atenta de quantos sentem manifestarem-se os sinais duma vocação para o sacerdócio ou para uma especial consagração”.

O Padre Gregory, nosso Superior Geral, em carta a toda Família Vicentina, fala-nos da Quaresma como um **tempo para a reflexão** que nos abra à misericórdia de Deus e à conversão e nos impulsione mais ainda ao serviço dos Pobres; um **tempo para a relação** mais profunda com Deus, conosco, com os outros e com os Pobres; um **tempo para a ação** que consiste não apenas em “trabalhar para melhorar as condições de vida dos Pobres, mas também mudar as estruturas da sociedade que geram a pobreza”.

Neste sentido, muito nos ajudará o “Exercício Pascal” que nos propõe o Padre Geraldo Barbosa através de um método que nos ajude a superar os sentimentos negativistas advindos das dificuldades e dos desafios cotidianos. Como seres pascais, criaturas redimidas pelo sangue de Jesus Cristo, somos convidados a perceber em nós mesmos, nas

peçoas, nos acontecimentos e em toda a realidade aquilo que é positivo. É importante estar de bem com a vida e consigo mesmo.

Afinal, diz-nos o teólogo, a presença e as forças do Ressuscitado agem em toda a criação, levando-a à plenitude de vida e à esperança de seu prolongamento para além da História. Podemos superar o sistema de morte que mais se preocupa com a materialidade do corpo e se esquece do espírito, criando novas relações humanas de liberdade, de diálogo, de amizade, vislumbrando o divino que trazemos em nós.

Desse modo, guiaram-se os Santos, deixando a Graça fecundar sua humanidade numa genuína experiência de Deus. A trajetória humana e espiritual de Santa Luísa de Marillac pode ser fonte de inspiração para aqueles que desejam seguir a Cristo no serviço aos Pobres.

Esta conquista, ainda que seja pessoal, passa pela Comunidade, esteio onde sustentar nosso ideal de consagração, nossa busca de estado de caridade e nossa missão apostólica.

Que a Páscoa, celebrada recentemente, continue marcando nossa caminhada na certeza da presença viva do Ressuscitado em nosso meio.

# Voz da Igreja

---

## Mensagem do Papa Bento XVI para o 49º Dia Mundial de Oração pelas Vocações



Amados irmãos e irmãs,

O XLIX Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que será celebrado no IV domingo da Páscoa – 29 de abril de 2012 – convida-nos a refletir sobre o tema *“As vocações, dom do amor de Deus”*.

A fonte de todo o dom perfeito é Deus e Deus é Amor – *Deus caritas est* – *“quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”* (1Jo 4, 16). A Sagrada Escritura narra a história deste vínculo primordial de Deus com a humanidade, que antecede a própria criação. Ao escrever aos cristãos da cidade de Éfeso, São Paulo eleva um hino de gratidão e louvor ao Pai pela infinita benevolência com que predispõe, ao longo dos séculos, o cumprimento do seu desígnio universal de salvação, que é um desígnio de amor. No Filho Jesus, Ele *“escolheu-nos – afirma o apóstolo – antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em caridade na sua presença”* (Ef 1, 4). Fomos amados por Deus, ainda *“antes”* de começarmos a existir! Movido exclusivamente pelo seu amor incondicional, *“criou-nos do nada”* (cf. 2Mac 7, 28) para nos conduzir à plena comunhão consigo.

À vista da obra realizada por Deus na sua providência, o salmista exclama maravilhado: *“Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que vós criastes, que é o homem para vos lembrades*

*dele, o filho do homem para com ele vos preocupardes?”* (Sl 8, 4-5). Assim, a verdade profunda da nossa existência está contida neste mistério admirável: cada criatura, e particularmente cada pessoa humana, é fruto de um pensamento e de um ato de amor de Deus, amor imenso, fiel e eterno (cf. Jr 31, 3). É a descoberta deste fato que muda, verdadeira e profundamente, a nossa vida.

Numa conhecida página das *Confissões*, Santo Agostinho exprime, com grande intensidade, a sua descoberta de Deus, beleza suprema e supremo amor, um Deus que sempre estivera com ele e ao qual, finalmente, abria a mente e o coração para ser transformado: *“Tarde vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora, e fora de mim vos procurava; com o meu espírito deformado, precipitava-me sobre as coisas formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Retinha-me longe de vós aquilo que não existiria, se não existisse em vós. Chamastes-me, clamastes e rompestes a minha surdez. Brilhastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. Exalastes sobre mim o vosso perfume: aspirei-o profundamente, e agora suspiro por vós. Saboreei-vos e agora tenho fome e sede de vós. Tocastes-me e agora desejo ardentemente a vossa paz”* (*Confissões* X, 27-38). O santo de Hipona procura, através destas imagens, descrever o mistério inefável do encontro com Deus, com o seu amor que transforma a existência inteira.

Trata-se de um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida e que tem a sua raiz na gratuidade absoluta de Deus. O meu antecessor, o Beato João Paulo II, afirmava – referindo-se ao ministério sacerdotal – que cada *“gesto ministerial, enquanto leva a amar e a servir a Igreja, impele a amadurecer cada vez mais no amor e no serviço a Jesus Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, um amor que se configura sempre como resposta ao amor prévio, livre e gratuito de Deus em Cristo”* (*Pastores dabo vobis*, 25). De fato, cada vocação específica nasce da iniciativa de Deus, é dom do amor de Deus! É

ele que realiza o “primeiro passo” e não o faz por uma particular bondade que teria vislumbrado em nós, mas em virtude da presença do seu próprio amor *“derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo”* (Rm 5, 5).

Em todo o tempo, na origem do chamamento divino, está a iniciativa do amor infinito de Deus, que se manifesta plenamente em Jesus Cristo. *“Com efeito – como escrevi na minha primeira Encíclica, **Deus caritas est** – existe uma múltipla visibilidade de Deus. Na história de amor que a Bíblia nos narra, ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos – até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até às aparições do Ressuscitado e às grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente, vem ao nosso encontro, através de pessoas nas quais ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia”* (n. 17).

O amor de Deus permanece para sempre; é fiel a si mesmo, à *“promessa que jurou manter por mil gerações”* (Sl 105, 8). Por isso, é preciso anunciar de novo, especialmente às novas gerações, a beleza persuasiva deste amor divino, que precede e acompanha: este amor é a mola secreta, a causa que não falha, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

Amados irmãos e irmãs, é a este amor que devemos abrir a nossa vida; cada dia, Jesus Cristo chama-nos à perfeição do amor do Pai (cf. Mt 5, 48). Na realidade, a medida alta da vida cristã consiste em amar “como” Deus; trata-se de um amor que, no dom total de si, se manifesta fiel e fecundo. À priora do mosteiro de Segóvia, que fizera saber a São João da Cruz a pena que sentia pela dramática situação de suspensão em que ele então se encontrava, este santo responde convidando-a a agir como Deus: *“A única coisa que deve pensar é que tudo é predisposto por Deus; e onde não há amor, semeie amor e recolherá amor”*.

Neste terreno de um coração em oblação, na abertura ao amor de Deus e como fruto deste amor, nascem e crescem todas as vocações. E é

bebendo nesta fonte durante a oração, através duma familiaridade assídua com a Palavra e os Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia, que é possível viver o amor ao próximo, em cujo rosto se aprende a vislumbrar o de Cristo Senhor (cf. Mt 25, 31-46). Para exprimir a ligação indivisível entre estes “dois amores” – o amor a Deus e o amor ao próximo – que brotam da mesma fonte divina e para ela se orientam, o Papa São Gregório Magno usa o exemplo da planta: *“No terreno do nosso coração, [Deus] plantou primeiro a raiz do amor a ele e depois, como ramagem, desenvolveu-se o amor fraterno”* (Moralia in Job, VII, 24, 28: PL 75, 780D).

Estas duas expressões do único amor divino devem ser vividas, com particular vigor e pureza de coração, por aqueles que decidiram empreender um caminho de discernimento vocacional em ordem ao ministério sacerdotal e à vida consagrada; aquelas constituem o seu elemento qualificante. De fato, o amor a Deus, do qual os presbíteros e os religiosos se tornam imagens visíveis – embora sempre imperfeitas – é a causa da resposta à vocação de especial consagração ao Senhor através da ordenação presbiteral ou da profissão dos conselhos evangélicos. O vigor da resposta de São Pedro ao divino Mestre – *“Tu sabes que te amo”* (Jo 21, 15) – é o segredo duma existência doada e vivida em plenitude e, por isso, repleta de profunda alegria.

A outra expressão concreta do amor – o amor ao próximo, sobretudo às pessoas mais necessitadas e atribuladas – é o impulso decisivo que faz do sacerdote e da pessoa consagrada um gerador de comunhão entre as pessoas e um semeador de esperança. A relação dos consagrados, especialmente do sacerdote, com a comunidade cristã é vital e torna-se parte fundamental também do seu horizonte afetivo. A este propósito, o Santo Cura d’Ars gostava de repetir: *“O padre não é padre para si mesmo; é-o para vós”* [*Le Curé d’Ars. Sa pensée, son cœur*. Ed. Foi Vivante, 1966, p. 100].

Venerados Irmãos no episcopado, amados presbíteros, diáconos, consagrados e consagradas, catequistas, agentes pastorais e todos vós



que estais empenhados no campo da educação das novas gerações, exorto-vos, com viva solicitude, a uma escuta atenta de quantos, no âmbito das comunidades paroquiais, associações e movimentos, sentem manifestarem-se os sinais duma vocação para o sacerdócio ou para uma especial consagração. É importante que se criem, na Igreja, as condições favoráveis para poderem desabrochar muitos “sim”, respostas generosas ao amoroso chamamento de Deus.

É tarefa da Pastoral Vocacional oferecer os pontos de orientação para um percurso frutuoso. Elemento central há de ser o amor à Palavra de Deus, cultivando uma familiaridade crescente com a Sagrada Escritura e uma oração pessoal e comunitária devota e constante, para ser capaz de escutar o chamamento divino no meio de tantas vozes que inundam a vida diária. Mas o “centro vital” de todo o caminho vocacional seja, sobretudo, a Eucaristia: é aqui no sacrifício de Cristo, expressão perfeita de amor, que o amor de Deus nos toca; e é aqui que aprendemos incessantemente a viver a “medida alta” do amor de Deus. Palavra, oração e Eucaristia constituem o tesouro precioso para se compreender a beleza duma vida totalmente gasta pelo Reino.

Desejo que as Igrejas locais, nas suas várias componentes, se tornem “lugar” de vigilante discernimento e de verificação vocacional profunda, oferecendo aos jovens e às jovens um acompanhamento espiritual sábio e vigoroso. Deste modo, a própria comunidade cristã torna-se manifestação do amor de Deus, que guarda em si mesma cada vocação. Tal dinâmica, que corresponde às exigências do mandamento novo de Jesus, pode encontrar uma expressiva e singular realização nas famílias cristãs, cujo amor é expressão do amor de Cristo, que se entregou a si mesmo pela sua Igreja (cf. Ef 5, 25).

Nas famílias, “*comunidades de vida e de amor*” (*Gaudium et spes*, 48), as novas gerações podem fazer uma experiência maravilhosa do amor de oblação. De fato, as famílias são não apenas o lugar privilegiado da formação humana e cristã, mas podem constituir também “*o primeiro e o*

*melhor seminário da vocação à vida consagrada pelo Reino de Deus” (Familiaris consortio, 53), fazendo descobrir, mesmo no âmbito da família, a beleza e a importância do sacerdócio e da vida consagrada. Que os Pastores e todos os fiéis leigos colaborem entre si para que, na Igreja, se multipliquem estas “casas e escolas de comunhão”, a exemplo da Sagrada Família de Nazaré, reflexo harmonioso na terra da vida da Santíssima Trindade.*

Com estes votos, concedo de todo o coração a Bênção Apostólica a vós, veneráveis Irmãos no episcopado, aos sacerdotes, aos diáconos, aos religiosos, às religiosas e a todos os fiéis leigos, especialmente aos jovens e às jovens que, de coração dócil, se põem à escuta da voz de Deus, prontos a acolhê-la com uma adesão generosa e fiel.

Benedictus PP XVI

# Superior Geral

---

## CONGREGAZIONE DELLA MISSIONE

### CURIA GENERALIZIA

Via dei Capasso, 30  
00164 Roma – Itália

Tel. (39) 06 661 3061  
Fax (39) 06 666 3831  
e-mail: [cmcuria@cmglobal.org](mailto:cmcuria@cmglobal.org)



Uma criança 'restavek' buscando ajuda

### Quaresma 2012

*"Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti"*  
(Santo Agostinho de Hipona)

*A todos os membros da Família Vicentina*

Queridos Irmãos e Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo encham vossos corações agora e sempre!

Vivemos num mundo cheio de turbulências. Deparamo-nos com as exigências da vida num ritmo frenético e trepidante. Devido a realidades de guerra, pobreza, terrorismo, instabilidades políticas, catástrofes econômicas e ecológicas, somos um povo exausto para a vida. Nossos

sentimentos assemelham-se aos do salmista: *“Até quando, Senhor, por quanto tempo ainda desviareis de mim a vossa face?”* (Sl 13, 1).

Em meio a estes desafios, a Igreja nos oferece um precioso presente: o tempo da Quaresma. É um espaço sagrado, um tempo que nos convida a parar, a nos afastar da rotina cotidiana para buscar, em profundidade, a história de nossa salvação em Jesus: sua vida, paixão e ressurreição. Em outras palavras, a Quaresma é um período sabático para a alma.

Como pessoas cativadas por Cristo e engajadas no carisma de São Vicente de Paulo, a Quaresma pode nos ajudar a viver melhor nossa fé católica à maneira vicentina. Como de São Vicente, nossa identidade enraíza-se no Cristo. Uma das leituras do primeiro domingo da Quaresma nos diz que Jesus *“morreu, uma vez por todas, por nossos pecados, o Justo, pelos injustos, a fim de nos conduzir a Deus”* (1Pd 3, 18). Estes quarenta dias de Quaresma não são apenas um tempo de oração, penitência e esmola, mas também um tempo para a reflexão, a relação e a ação.

### **Um tempo para a reflexão**

Os Evangelhos dos domingos da Quaresma dão-nos uma ampla matéria para reflexão, porque nos revelam a pessoa e a autoridade de Jesus. Jesus é visto como um místico voltando do deserto, o Messias transfigurado diante dos apóstolos, um profeta impulsionado a denunciar a injustiça no interior do templo, um mestre cheio de sabedoria disposto a dialogar com um fariseu e um servo sofredor pronto a glorificar a Deus, abraçando sua Paixão. Nestes Evangelhos e nas leituras para a Eucaristia de cada dia, durante esta Quaresma, encontram-se os relatos do amor e da misericórdia de Deus por Israel, as palavras e os atos de Jesus que proclamam o Reino de Deus.

Rezando com as leituras da Quaresma e participando da Eucaristia, abrimo-nos à grande misericórdia de Deus, manifestada na vida, morte e ressurreição de Jesus. Isso foi a razão do zelo de São Vicente de Paulo em meditar a vida e os ensinamentos de Jesus e seu entusiasmo para integrá-

los em sua própria vida, fazendo dele um “místico da Caridade”. Vicente estava impregnado do desejo de servir os Pobres, impulsionando e responsabilizando outras pessoas a fazerem o mesmo. Mas o que alimentava sua alma inquieta, não eram as ideias nem os sucessos, mas um espírito e um coração que se entregavam à reflexão e a contemplação:

*“Não podemos melhor assegurar nossa felicidade eterna, do que vivendo e morrendo no serviço dos pobres, entre os braços da Providência e numa renúncia total de nós mesmos para seguir Jesus Cristo”* (SV III, 392 – carta a Jean Barreau, de 4 de dezembro de 1648).

A conversão pessoal de Vicente, adaptando-se aos ensinamentos de Jesus, e a fundação de comunidades e organizações para servir os Pobres foram o fruto de uma vida consagrada à oração e à reflexão. Dedicando tempo à reflexão, somos como os anciãos gregos que pediram ao apóstolo Filipe: *“Senhor, queremos ver Jesus”* (Jo 12, 21). E a vida de São Vicente nos ensina que Deus jamais recusa um convite para se comunicar conosco. A Quaresma é o tempo que nos é dado para agir assim.

### **Um tempo para a relação**

O fruto do tempo dedicado a refletir e a rezar é uma relação mais profunda com Deus, consigo, com o próximo e com os Pobres. Num mundo agitado, marcado pela discórdia e a desunião, a Quaresma nos ajuda a aprofundar nosso ser de discípulos com o Cristo e a melhor viver nosso carisma vicentino. Podemos aprender muito com São Vicente, cuja genialidade para colocar as pessoas em relação, em vista do bem comum, perdura até hoje. Os Evangelhos da Quaresma apresentam Jesus como aquele que realiza sempre com fervor a vontade do Pai. Através de sua oração e paixão, Jesus estava sempre unido a Deus.

Há alguns anos, uma publicidade dos Estados Unidos utilizou como slogan *“Estamos todos conectados”*. Para a atual era digital, este refrão é ainda mais relevante. Nossa fé e nosso carisma nos impelem a nos

dedicarmos à prática dos mandamentos de Jesus: amar a Deus e servir nosso próximo com maior profundidade. A Quaresma nos chama a discernir mais claramente a presença do Cristo sofredor em nosso mundo para que possamos compreender a miséria dos Pobres e ser o Cristo para eles.

Como Superior Geral, tenho o privilégio de visitar a Família Vicentina no mundo inteiro e testemunhar a maneira como nosso carisma une os Pobres ao Cristo. Permitam-me partilhar dois destes encontros. Ambos são serviços coordenados pelas Filhas da Caridade servindo a crianças vulneráveis e em situação de risco que vivem na pobreza.

Por ocasião de uma visita ao Haiti para ver o progresso do nosso *Projeto Zafen*, visitei uma escola que as Filhas da Caridade abriram para responder à miséria das *crianças Restavek*. É verdadeiramente uma situação trágica: de 175.000 a 300.000 crianças vêm de famílias que não podem sustentá-las e enviam-nas a trabalhar como domésticas para membros da própria família, para conhecidos ou outras famílias haitianas. Apelidadas de "*Restaveks*" (do crioulo - *ficar com*), sua vida não é nada fácil. Elas não são consideradas como "parte da família" que servem. Frequentemente maltratadas e vítimas de abusos, as *Restaveks* não podem ser escolarizadas e faltam-lhes alimentação, roupas e assistência. Na escola das *Restaveks* mantida pelas Filhas da Caridade, elas aprendem a ler e a escrever, são alimentadas e tratadas com uma atenção, um respeito e uma dignidade que jamais conheceram. Para obter mais informações sobre as *crianças Restaveks*, acesse o site: <http://www.restavekfreedom.org>

Em Gana, como em muitos países em desenvolvimento, a exploração de crianças está sempre presente. Em Kumasi, a segunda maior cidade do país, numerosas crianças sem abrigo vivem na rua e sobrevivem da mendicância e do trabalho durante o dia. Muitas vezes espancadas e maltratadas, tornam-se com frequência vítimas do tráfico humano. As Filhas da Caridade, com o Arcebispo de Kumasi, fundaram o "*Projeto crianças de rua*", um centro de acolhimento que proporciona, durante o dia, uma trégua diante dos perigos da rua. Oferece-lhes um lugar para

repousar (embora seja apenas um espaço no chão), com a possibilidade de tomar banho, lavar roupa, fazer um curso de alfabetização, beneficiar-se dos serviços de acompanhamento e outras possibilidades. É um lugar tranquilo na rudeza de uma vida de exploração. Para maiores informações sobre esta obra, acesse o site: <http://www.streetchildrenprojectksi.org>

Acredito que todos concordam em que essas duas obras vicentinas seriam queridas ao coração de São Vicente e de Santa Luísa e lhes estariam bem próxima. Representam um exemplo maravilhoso dos esforços empreendidos nestes locais para responder, como Boa Nova de Jesus, ao clamor dos pobres e dos esquecidos. A Quaresma é um tempo não somente para meditar sobre a vida de Jesus, mas para estar em relação com os Pobres de Deus e agir em nome dele.

### **Um tempo para a ação**

*“O que devemos fazer?”* Essa foi a questão que Madame de Gondi apresentou a Vicente em 1617, quando ambos foram testemunhas da miséria espiritual dos camponeses de vasta propriedade familiar dos Gondi. A resposta de Vicente continua ainda hoje no mundo, através dos padres, Irmãos, Irmãs e leigos que são o coração vivo e constitutivo da Família Vicentina. Nossa realidade mundial tem um impacto muito maior do que São Vicente e Santa Luísa jamais puderam imaginar.

Mas o tempo da Quaresma nos lembra que o Cristo sofredor em sua paixão está presente em nosso mundo de inúmeras maneiras. Como discípulos de Jesus, nossa tarefa consiste em agir em seu nome: *“Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”* (Mt 25, 40). Como portadores do carisma vicentino, é nossa tarefa responder com amor e com o serviço, tanto pessoal como coletivamente. Mesmo que estejamos sempre ocupados com muito trabalho, permitam-me sugerir um outro gênero de ação.

Em nossa última Assembleia Geral, a Congregação da Missão adotou um plano estratégico quinquenal com objetivos anuais para melhor viver nossa vocação vicentina e o carisma da Família Vicentina. O objetivo

sobre o qual centramos nossa atenção este ano é a *Mudança de Estruturas*, que definimos não apenas como trabalhar para melhorar as condições de vida dos Pobres, mas também mudar as estruturas da sociedade que geram a pobreza. Para encorajar nossos Coirmãos a se integrarem na mudança dos sistemas de estruturas em suas Províncias e serviços, são sugeridas estratégias. Se algumas são especificamente da Comunidade dos Lazaristas, partilharei várias estratégias que podem ser utilizadas, assim acredito, por outros ramos da Família Vicentina:

- *Favorecer atividades que promovem mudanças de estruturas na sociedade: desenvolver o autogoverno local, formação de grupos de entreajuda, programas de microcréditos locais.*
- *Proporcionar assistência jurídica para a defesa dos Pobres e a promoção da justiça.*
- *Criar programas que impeçam o tráfico de pessoas e que assegurem a promoção da vida, o acesso universal à ajuda social, a proteção do meio ambiente, a dignidade das mulheres e das crianças, os direitos dos migrantes e a participação na sociedade.*

Estas estratégias de mudança de estruturas extraídas do plano da Congregação oferecem uma grande diversidade de ideias para agir. A mudança dos sistemas de estruturas é um objetivo importante para a Família Vicentina. Acredito que todos nós podemos encontrar meios para adaptá-la às nossas Obras e formar outros em relação à sua importância.

Durante a Quaresma e ao longo de todo este ano, temos a oportunidade de crescer na fé, meditando a Palavra de Deus e participando da Eucaristia, que aprofunda os laços que nos unem no serviço dos Pobres. É uma tarefa que pode nos intimidar, mas, como membros da Família Vicentina, nossa “mística da caridade” inspira-nos para lembrar a quem servimos e porquê:

*“Peço a Nosso Senhor, que possamos morrer para nós mesmos para ressuscitar com ele, que ele seja a alegria de vosso coração, o fim e a*



*alma de vossas ações e vossa glória no céu. Assim o será, se de agora em diante, nos humilharmos como ele se humilhou, se renunciarmos a nossas próprias satisfações para segui-lo, carregando nossas pequenas cruces, e se entregarmos de bom grado nossa vida, como ele doou a sua, por nosso próximo, que ele tanto ama e quer que amemos como a nós mesmos” (SV III, 629 - A um Padre da Missão da Casa de Saintes, a 27 de março de 1650).*

Nosso mundo agitado e a miséria das crianças Restavek e de Kumasi podem, às vezes, nos parecer esmagadores; contudo, nossa fé em Jesus e o carisma vicentino renovam a força e a confiança para enfrentar o futuro com esperança. Por intercessão de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, rezo para que esta Quaresma seja um tempo onde a graça e a bondade de Deus sejam manifestadas, com toda a sua plenitude em nossa vida e na de todas as pessoas que servimos.

Seu Irmão em São Vicente,

**G. Gregory Gay, C. M.,**  
Superior Geral

# Palavra do Visitador

---

## Exercício Pascal



Na edição anterior do *Informativo São Vicente*, tratamos do exercício de paciência. Agora, vamos a outro exercício, em sintonia com nosso tempo litúrgico. Partiremos de uma constatação social, seguida de algumas reflexões bíblicas, e terminaremos com uma proposta bem prática, visando facilitar o gerenciamento de nossas emoções na busca do verdadeiro espírito de alegria e de otimismo pascal.

É fato evidente que notícias ruins e episódios dramáticos têm mais audiência do que notícias boas. Prova disso vemos a toda hora nos noticiários. A virtude do otimismo não costuma ter o êxito que merece nos meios de comunicação. De certo modo, somos programados para sentir uma espécie de delícia inexplicável com notícias trágicas e fatos dolorosos. Fica-nos a impressão de que o lado negativo da realidade, comparado com o positivo, sai ganhando.

Para descobrir e identificar defeitos em nós mesmos e nos outros, praticamente não precisamos de esforço mental, nem de elevado nível de inteligência. Parece algo espontâneo a tendência de perceber mais as carências do que a plenitude. Na explicação deste fenômeno, entram muitos e diversos fatores de ordem pessoal, social e cultural. Não vamos entrar nesta questão. Desejamos tão somente propor algum jeito de superação desse tipo de coisas, mediante algumas reflexões bíblicas e uma estratégia de autocontrole de nossos impulsos afetivos.

Temos consciência de que somos seres pascais. cremos na ressurreição de Jesus Cristo. Queremos entender e viver esta mensagem diariamente, fazendo dela o sentido fundamental de nossa vida. O Apóstolo Paulo nos lembra: *“Sois todos cidadãos da luz e do dia; não pertencemos à noite, nem às trevas. Portanto, não durmamos como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Os que dormem o fazem de noite;*

*os que se embriagam o fazem de noite. Nós, ao contrário, como seres diurnos, permaneçamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e do amor, com o capacete da esperança de salvação. Deus não nos destinou ao castigo, mas a possuir a salvação por meio do Senhor nosso, Jesus Cristo, que morreu por nós, de modo que, acordados ou dormindo, vivamos sempre com ele”* (1Tes 5, 5-10).

Esta passagem bíblica, como tantas outras, nos ajuda a perceber quem somos: criaturas redimidas pelo sangue de Jesus Cristo, dotadas de uma bondade original reconhecida e proclamada pelo Criador, desde as origens da humanidade. *“Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom...”* (Gn 1, 31). Se o todo é originalmente bom, as partes (cada um de nós) são também originalmente boas.

Na perspectiva de páscoa, somos convidados a ver em nós mesmos, em nossos semelhantes, nos acontecimentos e em toda a realidade, muito mais o positivo do que o negativo. Se Deus é o primeiro otimista, eu posso ser o segundo, por que não? Para conseguirmos esta façanha, temos de nos exercitar. Para tanto, proponho a *“prova das variáveis”*, sintetizando um texto do Pe. Victoriano Baquero, SJ, em seu livro *‘Otimismo: vida! Pessimismo: morte!’*.

Nas ciências chamadas exatas, apela-se para o método das variáveis independentes (vi) e variáveis dependentes (vd), a fim de descobrir o poder de barganha de umas e de outras. Trata-se de uma atitude científica que pode e deve ser aplicada no processo de superação do negativismo mental e afetivo que molesta a vida de muita gente. Somente variando os antecedentes (vi) é que poderemos modificar os consequentes (vd). Se estou triste, por exemplo, a consequente tristeza tem um antecedente chamado estímulo, que pode ser uma ideia, um pensamento, um julgamento, um conceito, um preconceito, etc.

Para sentir tristeza, raiva, depressão ou coisa que o valha, tenho de sentir antes, com minha mente ou imaginação, que um bem querido me foi tirado. Se eu pensar, imaginar um fato trágico (vi), necessariamente, sentirei tristeza ou medo. É uma consequência (vd) das imagens ou pensamentos negativos que alimento em meu íntimo.

Quando, no lugar de uma imagem dramática, ponho outra imagem prazerosa, pacífica, a tristeza ou medo desaparece e surge o sentimento de alegria e de paz. O processo que gera tristeza ou medo é semelhante ao que gera alegria e paz. É só mudar as variáveis independentes. Assim como os pesquisadores tentam melhorar a qualidade das respostas,

trocando os estímulos (vi), da mesma forma podemos transformar os sentimentos negativos em positivos (vd), se conseguirmos mudar os estímulos psíquicos (vi) presentes em nosso cenário mental.

Nas considerações introdutórias, demos a entender que, de modo geral, parece mais fácil criar variáveis negativas do que positivas. Não deixa de ser um dos vícios da cultura atual. Este problema pode ser superado mediante exercícios persistentes de atenção e de modificação de variáveis independentes que condicionam sentimentos e atitudes pessimistas, descontrole emocional e desatinos humanos. Experimente e verá o efeito gratificante.

Quando estou irritado, por exemplo, devo ir além desse sentimento pela prática da atenção centrada neste fato, sem pré-julgamento. É o começo do sucesso no exercício de páscoa. Partindo do sentimento de irritação, sem negá-lo, é claro, devo dirigir minha atenção para a mente mais do que para o estímulo externo. Com certeza, serei capaz de dar nome aos estímulos e aos sentimentos que lhes são inerentes. Quem nomeia, de certo modo, domina. Mudando a variável independente, muda-se também o efeito, ou seja, a variável dependente. Trata-se de uma forma de domínio indireto ou político de nossos impulsos.

É de máxima importância estar de bem com a vida, gostar do que somos e do que fazemos, entendendo sempre que o nosso ser é quase infinitamente superior ao nosso agir. Este pensamento, como também as considerações feitas acima, tem por objetivo acordar em nós a bondade divina que, muitas vezes, fica adormecida, esquecida ou atropelada pelos embates da vida. Aproveite, se puder, do jeito que lhe for possível, as reflexões/sugestões do texto. O principal de tudo é deixar que o espírito pascal tome conta de nossa vida de ponta a ponta: corpo, mente e espírito, e possamos dizer para muita gente, de todo o coração:

**Feliz Páscoa!**

**Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, C. M.,**

Visitador Provincial

# Olhar Teológico

---

## As três Páscoas na passagem da morte para a vida

*Pe. João Batista Libanio, S. J.*



Páscoa significa passagem. Quem passou? Lá, na origem do *povo de Israel*, segundo a narrativa do Êxodo, o anjo exterminador percorreu o Egito e deixou atrás de si o rastro de morte dos primogênitos humanos e animais, exceto nas casas dos judeus, marcadas pelo sangue do cordeiro imolado. E, depois, o povo judeu passou da escravidão para a liberdade, do Egito para a Terra Prometida. Tal fato se tornará ritual para Israel ao longo dos séculos. Os *cristãos* celebram outra Páscoa. Jesus passa da morte para a vida e oferece a toda a humanidade a salvação em plenitude. Hoje, os cristãos recordam, na alegria, a plenitude da vida oferecida já, na esperança de que ela se prolongará para além da história.

Fica-nos uma terceira passagem a ser realizada. Inspirada e iluminada pelas anteriores, toda a humanidade se sente continuamente provocada a passar das inúmeras mortes, que a ameaçam, para as novas vidas que pretende criar. As três Páscoas se resumem na passagem da morte para a vida.

A maior Páscoa, hoje, talvez seja, no coração do mundo, iniciar a caminhada em direção a um novo tipo de vida. O sistema atual nos mergulhou em muitas mortes, sob a ilusão e a falsa promessa de vida. A ciência, a tecnologia, a febre de produção de bens de consumo, na maioria supérfluos, afogam-nos os desejos maiores. Presos à materialidade das coisas, esquecemos o horizonte do espírito. Somos corpo, alma e espírito. O corpo melhorou muito com sua presença no mundo, em respeito à saúde, à aparência, ao vigor muscular, por meio de tantas academias, ao menos para determinada faixa social. A alma da

afetividade encontra remédios na vulgarização da psicologia e na oferta farmacêutica de ansiolíticos.

Mas fica a pergunta: e o espírito? Este anseia por horizontes maiores. Quer passar da morte da prisão ao tempo, ao espaço, ao mundo, e das relações afetivas, alimentadas pela química, para novas relações humanas de liberdade, de diálogo, de amizade em profundidade até esbarrar nas fímbrias do Divino.

Falta-nos esta Páscoa. Quanto mais nos submergimos na materialidade circundante, ou na superficialidade dos encontros entre nós, cultivados, unicamente, na perspectiva do próprio prazer e da utilidade, tanto mais sofremos da morte do espírito, da dimensão maior de nosso ser e existir.

Nesse momento, surge-nos a perspectiva pascal que nos anuncia a nova vida proposta ao ser humano pela passagem de Jesus pela história. Ele viveu a morte da entrega e encontrou a vida da ressurreição, não somente no momento da cruz, mas ao longo de toda a sua existência, em antecipações. Alegrou-se e glorificou a Deus, por ele se manifestar aos pequeninos. Admirou e ficou feliz com a fé do centurião ou daquela mulher enferma que lhe toca a fímbria do manto. Soube apreciar as gotículas de vida a cair-lhe na existência. E nos toca a nós descobrir, também, esses instantes de vida, que superam as mortes que nos cercam, sobretudo no dom de nós mesmos aos outros e na acolhida de tantos sinais de amor a nos cercar. Páscoa é experimentar gestos de amor, que, hoje, anunciam a eternidade!

# Herança Vicentina

---

## Luísa de Marillac:

Quando deixamos a Graça fecundar a nossa humanidade...

*Irmã Carolina Mureb, F.C.*

Província do Rio de Janeiro

*“O Carisma, experiência única, solidária, de uma pessoa agraciada, é novidade e dinamismo da Profecia, experiência fundadora comunitária, solidária, horizonte aberto para o futuro”  
(Ana Roy)<sup>1</sup>.*



A Família Vicentina no Brasil vive um momento promissor: o serviço de assessoria aos diversos ramos leigos cresce e passa a ser visto como missão tanto pelos Padres como pelas Irmãs; o número de publicações, revistas e livros, sobre a espiritualidade e o carisma vicentinos aumentou e grupos em redes sociais estão sendo criados com o objetivo de conhecimento mútuo, divulgação de informações, troca de ideias e de material. Tudo

isso nos recorda não somente a riqueza do carisma vicentino, mas sua impressionante atualidade, apesar das grandes mudanças pelas quais o mundo passou desde o tempo de São Vicente de Paulo.

O carisma fundador de São Vicente revela toda a sua originalidade e abertura para o futuro desde as suas origens ao se mostrar condizente com as diversas vocações: presbiteral, laical e à vida consagrada. Essa pluralidade original e sua conexão com o cerne do Evangelho, o encontro e o serviço ao Cristo presente nos Pobres, favoreceram a experiência de Deus e o caminho de santidade de tantas pessoas. Dentre as primeiras

---

<sup>1</sup> *O beijo de Deus: provocação à Vida Religiosa*. Brasília: CRB, 2010. p. 60.

testemunhas desta rica fonte, ela mesma também fundadora, destaca-se Luísa de Marillac.

A trajetória humana e espiritual de Luísa de Marillac, quando bem compreendida, pode ser inspiração e fonte de sabedoria para todos aqueles que, em meio aos desafios do mundo moderno, buscam seguir Jesus no serviço aos Pobres. Resgatar o seu lugar na “história vicentina”, enquanto uma das contribuições mais essenciais na configuração da expressão histórica do carisma, e aprofundar seus escritos, tão esquecidos e pouco conhecidos até mesmo pelas Filhas da Caridade, permitem que a experiência feminina do carisma vicentino também inspire nossa experiência de Deus e destaque outros aspectos da missão. A experiência de complementaridade vivida por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac na espiritualidade, no cotidiano e na missão deve ser para todos nós, membros da Família Vicentina, mais um sinal da atualidade de nosso carisma numa Igreja onde, cada vez mais, os leigos são chamados a assumir o lugar que lhes cabe em colaboração com o clero e a vida consagrada. Sendo assim, a nossa reflexão sobre a vida, a obra e a espiritualidade de nossos Fundadores precisa ser ampliada, a fim de que responda também aos anseios dos leigos no seguimento de Cristo na perspectiva vicentina.

Neste breve artigo, gostaria de refletir sobre como a experiência familiar de Luísa de Marillac é sinal do que a Graça pode realizar em nós a partir da nossa decisão de colaborar com ela. A nossa história, cheia de luzes e sombras, precisa ser vista como possibilidade e não como obstáculo aos planos de Deus. O que quer que ele nos peça, será sempre consciente de nossa realidade, e talvez por causa dela, a fim de que a experiência assumida e redimida pela misericórdia divina seja caminho de santidade para nós e fonte de ajuda e de inspiração para outros.

As relações familiares de Luísa de Marillac, seja com a família de origem seja com aquela que construiu ao se casar, foram frequentemente marcadas por insegurança, incompreensões, tensões e conflitos. As feridas serão visíveis durante boa parte de sua vida e, inicialmente, influenciarão sua relação com Deus, com o mundo e com as pessoas de



maneira quase destrutiva (basta lembrar sua quase imposição do sacerdócio ao filho Miguel e a ansiedade provocada pelas viagens de seu diretor espiritual). A culpa provocará uma “religião de expiação”, onde a multiplicação de devoções visa compensar o mal que sua existência teria causado à sua família, ao marido e ao filho. Luísa afirmará não reconhecer em si mesma nenhuma terra boa (SL E.2) e experimentará, com frequência *“grande abatimento de espírito pelos sentimentos de minha própria abjeção, que me fazem aparecer como um poço de orgulho (...); sentimentos de desamparo, aniquilamento de mim mesma, abandono de Deus merecido por minhas infidelidades, com uma opressão do coração tão grande que nos momentos mais violentos, fazia-me sofrer até o corpo”* (SL E.1). Luísa de Marillac pensa não “merecer” de Deus o mesmo que não recebeu de sua família: amor, atenção, cuidado. Sendo assim, acredita que pode atrair a benevolência divina, agradecer as graças que recebe e remir suas faltas através de uma estrita rotina espiritual, detalhada por ela mesma no seu *Regulamento de vida no mundo* (SL E.7).

Numa psicologia tão frágil, o abandono da família, a fim de reparar um voto feito a Deus e assim alcançar a cura do marido, parece uma solução razoável ainda que contrária aos ensinamentos de sua fé (cf. SL E.3). No fundo, está o receio de ser alvo da “ira divina”, sempre vista como justa; por isto deve buscar todos os meios para satisfazer esse Deus que anseia por sacrifício. Em Luísa de Marillac, a nossa humanidade se revela em toda a sua fragilidade e vulnerabilidade. E foi somente até aqui que veio a reflexão de muitos sobre a fundadora das Filhas da Caridade: frágil, insegura e, por isso, extremamente dependente de São Vicente.

Tal conclusão, no entanto, deprecia até mesmo a grande sabedoria de São Vicente que sabia reconhecer os sinais de Deus nos sinais dos tempos, e ajudar cada pessoa a dar o melhor de si no compromisso com o Evangelho. Segundo Frei Carlos Josaphat, *“o santo a libertou precisamente ajudando-a a encontrar a sua missão de fundadora, de mãe e mestra das Irmãs de Caridade”*<sup>2</sup>. A pedagogia usada pelo Padre Vicente para ajudá-la a superar as marcas de sua história familiar foram ao

---

<sup>2</sup> JOSAPHAT, Carlos. *As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1999.

encontro do coração humilde e aberto de Luísa de Marillac que buscava, muito honestamente, realizar a vontade de Deus na certeza de que nela estaria sua felicidade e salvação. Ela se revela uma mulher não somente muito consciente de suas limitações, mas também de sua necessidade de ser ajudada a crescer. Sua obediência às orientações de seu diretor espiritual é a expressão concreta de seu compromisso de trabalhar sobre si mesma para colaborar com a ação da graça.

Padre Benito Martínez, C. M., um grande pesquisador da vida e da obra de Santa Luísa, lança um olhar extremamente positivo sobre sua personalidade, mesmo antes de sua evolução: *“Deus não deu a Santa Luísa sua personalidade, suas qualidades, uma família determinada e uma vida concreta porque queria fazê-la capaz de cumprir a missão, que previamente determinara, de fundar a Companhia, mas a escolheu para fundar as Filhas da Caridade porque tinha qualidades, uma personalidade e uma vida concreta que a capacitavam para fundar as Filhas da Caridade”*<sup>3</sup>. Se a psicologia afirma que as experiências vividas na infância moldam nossa maneira de nos conectarmos com o mundo e com os outros, a fé nos ensina, e a vida de Santa Luísa é um dos grandes exemplos, que a nossa vontade de conversão e de crescimento é a “senha” requerida pela Graça para não somente trabalhar na nossa configuração com o Cristo, mas também para nos tornar eficazes instrumentos da sua ação salvadora a partir da nossa história pessoal, seja ela qual for.

A memória da vida dos santos e santas só tem sentido como inspiração para nossa vida, encorajamento em nosso contínuo processo de conversão aos valores do Evangelho e fortalecimento de nossa fé num Deus *“que trabalha sempre”* em nós (Jo 5, 7). Tendo sido escolhida por Deus para a missão de reanimar as Confrarias da Caridade, fundadas por Vicente de Paulo, e de fundar a Companhia das Filhas da Caridade com ele, Luísa de Marillac com sua trajetória humana desafia a todos nós, presbíteros, leigos e consagrados, a olharmos para nossa própria história pessoal não como um peso a ser “suportado e carregado”, mas como

---

<sup>3</sup> MARTÍNEZ, Benito. Luisa de Marillac, una mujer del siglo XVII. In: *Santa Luisa de Marillac ayer y hoy*. Salamanca: CEME, 2010.

possibilidade de vida nova para nós e para outros. Além disso, ela nos encoraja a empreendermos, continuamente, ao longo de toda a nossa vida, os esforços necessários para que a nossa humanidade, frágil, vulnerável e limitada, seja redimida pela ação da graça. Luísa se serviu dos meios disponíveis: oração, boas leituras, direção espiritual firme e sábia, dedicação aos mais pobres e não desanimou com as recaídas que experimentou (especialmente entre os anos de 1644-1648, período extremamente difícil em virtude da saída de muitas Irmãs e da recorrente instabilidade de seu filho). Talvez a santidade de Luísa de Marillac seja, exatamente, a daqueles que perseveraram no caminho, sem desacreditar, superando os desânimos diante de suas limitações e das dos outros, mas *“não perdendo nunca”*, como afirma Dom Bernardo Bonowitz, *“uma oportunidade de amar”*.

Luísa de Marillac, antes da Fundação da Companhia (1633), assim resumia sua vida: *“Deus me tem concedido tantas graças, como a de me fazer conhecer que sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela cruz, que sua bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento e não me havendo quase nunca deixado em qualquer idade sem ocasiões de sofrimento”* (SL E. 19). Entretanto, anos mais tarde, o reconhecimento de que sua vida era marcada constantemente pela cruz não era mais fonte de bloqueio e autopunição, pois ela havia descoberto que não importava como ela via a si mesma, Deus a queria e a amava: *“...Ao receber a Sagrada Hóstia, senti, imediatamente, uma censura a meu coração porque admitia o afeto, o estar preocupada com a estima das criaturas e nelas buscar consolo e isso após tantas vezes sua bondade me haver feito desejar possuir a ele tão somente, demonstrando-me, desta maneira, que ele o queria”* (SL E.19). Se Deus queria estar com ela e nela, então ele a amava e acolhia, e Luísa descobria, assim, a sua dignidade de filha de Deus, a mesma dignidade que ela vai lutar para que os Pobres descubram ao dizer às Irmãs que eles devem ser amados com ternura e respeitados profundamente. A partir da experiência que fez do amor e da misericórdia de Deus em sua história pessoal, Luísa de Marillac é capaz de ajudar as Irmãs a lidarem com as

suas dificuldades e compreende quão importante é a maneira como os Pobres devem ser tratados e não somente a ajuda que lhes é dada.

Quantas pessoas neste mundo ainda são dominadas pela imagem que os outros fazem delas? Quantas construíram uma autoimagem desfigurada em virtude de experiências familiares repletas de rejeição, cobranças e culpas? Quantas buscam na religião a expiação da culpa que carregam, achando que assim, “oferecendo sacrifícios”, alcançarão de Deus a bênção e a graça de que precisam? Quantos pobres não reconhecem a sua dignidade de filhos de Deus e de cidadãos com direitos, submetendo-se a condições de vida que negam o projeto do Reino? Quantos de nós, ao contrário de Luísa de Marillac, não tomamos consciência de nossas fragilidades e, por isso, não trabalhamos nelas e passamos toda a nossa vida estabelecendo relações pouco saudáveis, que não favorecem nossa liberdade, autonomia e obediência à vontade Deus, com as pessoas, com a religião e com o próprio Deus?

Em Luísa de Marillac *“a graça não foi estéril”* (1Cor 15, 10). Sua experiência familiar e a maneira como lidou com todos estes conflitos, permitindo que sua humanidade fosse terra fértil para a graça de Deus é convite e um alento para nós. Numa época tão cheia de intimismos, psicologismos e rigorismo religioso, a caminhada de Luísa de Marillac de abertura ao Outro e aos outros, que a ajudou a se reconciliar consigo mesma e com sua história, nos lembra que a experiência cristã de Deus passa pela Encarnação, isto é, pela nossa humanidade e pela realidade na qual vivemos. Foi essa abertura de Luísa de Marillac e sua decisão de caminhar que fizeram dela a Mística da Caridade e a Fundadora, mas ainda mais importante, essas duas atitudes, dentre outras, fazem dela fonte de inspiração e estímulo para todos os cristãos e cristãs que, no mundo de hoje, querem seguir Jesus segundo o carisma vicentino: *“Os desígnios de Deus se cumprirão em mim, qualquer que seja o caminho por onde me conduza, desde que eu me deixe guiar”* (SL E. 22).

# Espiritualidade

---

## “Fixar a Estaca da Comunidade”

*Pe. Eli Chaves dos Santos, C.M.*

Assistente Geral (Roma)

📖 Jo 17, 10-33



Este texto é da terceira parte dos discursos de Jesus, a chamada oração sacerdotal. Jesus pede pelos seus discípulos, os atuais e os que virão. Que o Pai os guarde e os santifique na liberdade, pois estão no mundo, lugar das trevas do pecado. Depois de prometer o Espírito Santo, Jesus aponta sua união com o Pai como a forma de ser dos discípulos no mundo. Reza ao Pai para que seus discípulos sejam um, como ele e o Pai são um. Jesus não pede pelo mundo, que já foi libertado por ele, mas pede para que os discípulos sejam unidos. Como ele e o Pai estão unidos, os discípulos sejam perfeitos na unidade e assim o mundo creia.

João sintetiza o ideal comunitário de Jesus. A comunidade trinitária é a fonte e modelo dos seguidores. O amor constitutivo de Deus é inspiração e proposta de vida para os discípulos. João aqui resume e teologiza toda a prática de Jesus, que, missionário do Pai e agindo no Espírito, quer todos vivendo na comunhão de amor. O ideal comunitário de Jesus, tão presente nos evangelhos sinóticos, foi fortemente experimentado por São Vicente e proposto para nós, Missionários. Nosso ideal de consagração, de busca do estado da caridade, fundamenta-se no exemplo de Cristo, a *Regra da Missão*, que viveu e agiu em comunidade com seus discípulos e nos compromete com uma missão apostólica específica e em comum. São Vicente nos propôs buscar construir o “nosso

ser” no “fazer um serviço apostólico comunitário de evangelização dos Pobres”.

No seguimento de Cristo evangelizador para a evangelização dos Pobres e a colaboração na formação de clérigos e leigos, a Assembleia reafirma que a CM é uma **comunidade para a Missão**, continuamente chamada a testemunhar e atualizar o sentido comunitário do carisma vicentino. A Assembleia constata o desencantamento com a vida comunitária, a saída de Missionários para buscar fora o que não encontram na comunidade e a diminuição do número de Coirmãos. Embora não se tenha aprofundado bastante esta questão, aqui temos uma séria dificuldade que faz a Comunidade sofrer e se constitui num sério desafio.

A vida comunitária está longe do ideal que nos propomos; são muitas as dificuldades existentes. É inegável a realidade sofrida de tantos Coirmãos que, descrentes com a comunidade, pedem licença; ou estão fora da Congregação irregularmente; ou passam para o clero diocesano. É comum encontrar comunidades onde as pessoas não se entendem. Falta solidariedade e cada um se fecha no seu mundo. Reinam inimizades, guerras verbais, insensibilidade em relação ao outro, e os indivíduos simplesmente não se suportam. Em geral, os superiores maiores gastam a maior parte do tempo resolvendo pendengas de comunidade. Atuam como “bombeiros” apagando incêndios...<sup>4</sup>.

A **falta de um sentido comunitário** impede o crescimento na fidelidade criativa para a missão. Diversos fatores decorrentes das atuais mudanças socioculturais, por um lado, esvaziam o sentido comunitário da vida e da missão e, por outro lado, colocam novos questionamentos para uma fecunda vida comunitária. Os tempos atuais favorecem muito a fragmentação das pessoas, os relativismos, os individualismos, os subjetivismos e a pouca consistência nas decisões. Tudo isso compromete o verdadeiro sentido evangélico da vida comunitária para a missão. Corre-se o risco de um modelo comunitário baseado na conveniência dos

---

<sup>4</sup> VITÓRIO, Jaldemir. A Refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito. *Convergência*, Rio de Janeiro, n.423, 2009, p. 472.

próprios gostos e vontades e assim a comunidade se torna objeto de consumo, descartado quando não mais interessa.

Tudo isso exige reafirmar o sentido de ser uma comunidade para a missão, à maneira de amigos que se querem bem, articulando o valor fundamental da comunidade para a missão com os legítimos reclames atuais de reconhecimento da dignidade e individualidade das pessoas, da participação responsável, da vivência comunitária madura e responsável, etc. A partir de experiência espiritual vicentina, a descoberta e o desenvolvimento de uma vida comunitária para a missão, sadia e alegre, personalizadora e solidária, se fazem necessários para fortalecer a estabilidade no serviço aos Pobres e o sentido comunitário da missão, claramente propostos por São Vicente. Neste sentido, precisamos de pessoas refundadas e comunidades refundadas.

A vida comunitária vicentina exige ser formada, buscada e desenvolvida a partir de três fatores, ou elementos fundamentais: pessoas bem humanizadas e humanizadoras; pessoas com profunda vivência de fé; e um projeto missionário de serviço aos Pobres assumido em comum. Maturidade humana, vida de fé e projeto comum são as bases de uma sólida vida comunitária: sem isso nossa vida na Congregação se torna um desastre. Por isso, a Assembleia volta a lembrar a necessidade de *“reafirmar o significado de ser uma Comunidade para a Missão: a modo de amigos que se querem bem” (RC VIII,2), solícitos pelo bem de todos, reconhecendo a dignidade dos irmãos e promovendo sua participação plena na vida de comunidade e no apostolado, compartilhando a fé e fortalecendo-nos mutuamente pela oração. O Senhor nos chama a viver e a formar-nos em comunidade”* (Sintese, 4).

A vida comunitária é o termômetro privilegiado para verificar a qualidade da vivência da nossa vocação. Num mundo onde as relações humanas se esvaziam, são instrumentalizadas e mercantilizadas, nossa vida comunitária precisa ser marcada por relações de respeito à dignidade do outro, relações de bondade no trato mútuo, relações capazes de superar as divergências, relações de generosidade para ajudar o outro em suas necessidades, relações de amizade, de alegria no partilhar e

caminhar juntos. Num mundo onde a dimensão da fé é descartada ou então instrumentalizada em função do interesse próprio, nossa vida comunitária precisa ter sempre em conta a comunhão trinitária, que é fundamento indispensável e que vê no outro um presente de Deus, a ser valorizado. Num mundo onde os projetos de vida se fazem a partir dos individualismos do ter, do poder e do prazer, nossa vida comunitária é desafiada a construir uma relação de busca corresponsável de um projeto de vida num compromisso generoso de serviço aos Pobres. Nisto, a vida comunitária possui uma função profética, que aponta para a verdadeira alegria de viver em comunidade.

Certamente, mudanças e melhorias institucionais podem e precisam ser feitas para melhorar a qualidade da vida em comunidade. Mas, penso, a necessidade mais fundamental está hoje em criar atitudes novas, evangélicas, que nos ajudem a recuperar a alegria de viver em comunidade. Li e gostei muito de um artigo do Pe. Jaldemir Vitório, em *Convergência*, onde ele fala sobre a necessidade da refundação dos religiosos<sup>5</sup>. Ele diz que, depois da proposta de *aggiornamento* feita pelo Vaticano II, a Vida Consagrada hoje, a vida em comunidade, coloca-se diante da necessidade da refundação. No entanto, há uma deficiência neste processo quando se trata a refundação apenas ligada à instituição, como se existisse à revelia das pessoas concretas. De que adiantam grandes programas de reestruturação congregacional e comunitária, grandes programas de formação e de ação, se não existem indivíduos dispostos e bem preparados para assumir essas propostas? Sem negar a importância das mudanças institucionais, ele insiste na necessidade da refundação dos religiosos.

Acredito que a vida comunitária é a estaca, um meio privilegiado para esta refundação dos consagrados para assumir as atuais exigências da missão, do amor compassivo. Em especial, esta refundação, sem esquecer as mudanças institucionais, necessita assumir sobretudo os desafios ligados às dimensões humana, cristã e congregacional. Cito alguns elementos apresentados pelo Pe. Jaldemir:

---

<sup>5</sup> VITÓRIO, Jaldemir. A Refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito, p. 447-478.



® O ideal comunitário da Vida Consagrada supõe uma sólida base de humanidade. Nossas comunidades têm a vocação de ser *“oásis de humanidade”*, num mundo de tanta desumanidade. No entanto, estamos muito longe do ideal de humanidade. *“Por picuinhas, os irmãos fazem os outros sofrer. Há irmãos cujas relações estão cortadas há muito tempo... Há casos de irmãos que tramam ciladas contra os outros para desmoralizá-los e conspurcar-lhes a boa fama. E falam mal dos outros, a torto e a direito... E os religiosos parasitários, mentirosos, preguiçosos, invejosos, críticos mordazes, reclamadores, hipocondríacos, dissimulados, viciados, exigentes, encenqueiros, falsos, malevolentes, donos da verdade, intocáveis, juízes implacáveis dos demais, torcedores pelo fracasso dos irmãos, afetivamente desequilibrados, preocupados em “tomar o poder”. A lista dos religiosos com déficit de humanidade poderia ser muitíssimo alargada”* (p. 451-452). A maturidade humana deve ser trabalhada e buscada. Um exame de consciência diante de Deus, em nível pessoal, comunitário, provincial e congregacional se faz necessário. Também seria bom consultar as pessoas com quem trabalhamos e sondar a imagem que, como indivíduos ou como grupos, transmitimos. A partir daí, pensar os meios de mudança e conversão, que podem ir desde os esforços pessoais até a busca de acompanhamento especializado para os casos mais complexos. Quanto mais humanidade, mais possibilidade de o evento Cristo acontecer na vida das pessoas.

® A refundação das pessoas para a vida comunitária requer e passa por uma profunda e comprometida experiência de fé, que passa pela:

® Experiência profunda de encontro pessoal com Cristo:

® Descoberta do amor misericordioso de Deus Pai-Mãe;

® Centralização de nosso coração no Reino de Deus e em sua justiça;

® Centralidade da solidariedade e do serviço aos pobres e marginalizados;

® Dimensão eclesial da fé.

A refundação da vida comunitária requer um processo contínuo de confronto com Jesus e o Reino por ele anunciado. Este caminho, que supõe conversão e despojamento, é que nos torna possíveis a vivência e o testemunho do amor misericordioso de Deus.

Esta base humana e religiosa se faz indispensável para descobrir e viver a identidade real da vocação vicentina, para assumir e desenvolver o projeto congregacional, para viver com alegria em comunidade, para fortalecer a vida com uma sólida oração e espiritualidade, para viver com fidelidade e fecundidade os votos, para colaborar efetivamente para uma fidelidade criativa na missão.

Proponho que cada um de nós reze esse apelo de nossa vocação e busque descobrir que atitudes e compromissos cultivar para criar verdadeiras e fraternas comunidades a serviço da fidelidade criativa na missão.

#### **ORAÇÃO VICENTINA**

Senhor Deus, seduzido por ti, São Vicente transformou-se naquele que se fez disponível aos pequenos e necessitados. Ele foi arauto da tua ternura e misericórdia, sempre num profundo respeito por todo ser humano.

Por seu intermédio, te pedimos: torna nossos corações cheios de teu amor, na simplicidade, na humildade, na mansidão, na mortificação e no zelo pelos Pobres. Nos passos de São Vicente, possamos seguir com alegria teu Filho Jesus e nos tornemos abnegados e sinceros servidores dos Pobres, teus filhos prediletos.

Faze-nos UM no amor; liberta-nos de tudo o que nos impede servir-te na construção de uma vida na verdade, na justiça e na fraternidade. Na tua verdade que liberta e na tua entrega generosa que restaura a vida, dá-nos viver com corações e mãos abertos, sempre no compromisso autêntico e alegre com os Pobres.

E assim possamos ser um sinal, um apelo e um encorajamento para a construção do teu Reino e para o despertar de novos operários para tua messe! Amém.

A vida comunitária vicentina exige ser formada, buscada e desenvolvida a partir de pessoas humanizadas e humanizadoras, pessoas com profunda vivência de fé e comprometidas com o projeto missionário de serviço aos pobres assumido em comum.

✚ **Leia, medite e reze:**

📖 **Sl 15(13); 133(123)**

**Jo 13, 10-17; At 2, 42-47**

⇒ Que atitudes e compromissos sente você ser necessário cultivar e promover para criar verdadeiras comunidades a serviço da fidelidade criativa na missão?

*“Somos ‘curadores feridos’. Vemos a diminuição do número de membros em algumas Províncias e aumentos animadores em outras; em algumas comunidades, os Coirmãos experimentam desencanto, ao passo que, em outras, se busca a plenitude do ministério fora da comunidade. Tudo isso exige que reafirmemos o significado de ser uma comunidade para a Missão: a modo de amigos que se querem bem (RC VIII,2)” (Síntese, 4)*

# Vida da Província

---

## Assembleia Provincial



Nos dias 21 a 22 de março de 2012, na Fazenda do Engenho, Santuário do Caraça, aconteceu a Assembleia da Província Brasileira da Congregação da Missão. Estavam presentes mais ou menos 30 Coirmãos, vindos de várias Casas da Província.



Esta Assembleia teve como finalidade o estudo dos novos Estatutos da Congregação da Missão, a revisão e atualização das Normas Provinciais da PBCM e a discussão e encaminhamento de outros assuntos de interesse geral da Província.



O Visitador, Padre Geraldo Ferreira Barbosa, deu início aos trabalhos, acolhendo os presentes e convidando-os para a invocação do Espírito Santo. A partir de nomes apresentados pelo Visitador, foram eleitos os moderadores, o secretário e os membros da Comissão de Redação.

Outros nomes também foram indicados para os demais serviços (liturgia, cronometrista e escrutinadores).

Após esses acertos preliminares, passou-se à leitura e estudo dos novos Estatutos da Congregação da Missão, em cinco grupos de trabalho. Em seguida, passou-se ao segundo objetivo da Assembleia: revisão e atualização das Normas Provinciais. Longa discussão sobre vários assuntos ligados à nossa vida e missão ocupou o espaço da tarde.



À noite, como comunidade de irmãos, celebramos a Eucaristia, colocando nas mãos do Senhor todo nosso esforço e nossas esperanças. Ao final da celebração, Padre Alexandre Nahass Franco entregou aos Coirmãos o Projeto Provincial do Serviço Vicentino de Animação Vocacional (2011-2016), convocando a todos para a corresponsabilidade no trabalho da animação vocacional.



No segundo dia da Assembleia, após a Celebração da Eucaristia, dedicamos todo o dia ao estudo e à revisão de nossas Normas Provinciais. Após este trabalho, o Visitador fez uso da palavra para partilhar alguns pensamentos. Primeiramente, chamou a atenção para a necessidade de sempre se voltar ao planejamento provincial e aos comunitários, em vista de sua vivência concreta. Em seguida, relacionou o conceito de missão com inventividade e criatividade e apontou a necessidade de implementarmos projetos ousados em nossas atividades missionárias. No entanto, faz-se necessária a busca do autoconhecimento para sermos capazes de superar os problemas que temos enfrentado, tanto em nível pessoal como comunitário. Os problemas que temos não são propriamente espirituais, mas ligados à fragmentação do ser humano. Urge gerenciar as próprias emoções em vista da construção de comunidades mais saudáveis e para dar à graça de Deus oportunidade de atuar em nossa natureza humana. Neste sentido, apresentou sua preocupação com a vida comunitária, dizendo que, se a comunidade não anda bem, a atividade apostólica também não andar.

Continuou falando da gratuidade e da reciprocidade. Em nossas Comunidades e nos lugares onde trabalhamos, precisamos agir com mais atenção, especialmente evitando todo tipo de dependência. A gratuidade de nosso trabalho deve favorecer a vivência da reciprocidade, suscitando nos Pobres atitudes libertadoras. As comunidades pastorais precisam sair da minoridade espiritual e material, para que possa caminhar com as próprias pernas. Ligado a isso, falou da importância de aprendermos com as outras pessoas, especialmente com os Pobres. Apontou muitas humilhações pelas quais os Pobres passam e salientou que esses acontecimentos, como também a percepção da realidade concreta do Pobre, pode nos ajudar a superar as dificuldades que enfrentamos e os conflitos que alimentamos entre nós. Finalmente, convocou-nos à vivência do verdadeiro amor e a ter alguma participação na condição de vida dos Pobres.

No dia 23 de março, após a Celebração Eucarística, nossa Comunidade Provincial continuou seus trabalhos com a Assembleia Civil, discutindo e analisando questões próprias da administração. Ao final, saboroso almoço nos foi oferecido, marcando o fim dos trabalhos e ajudando-nos a estreitar ainda mais os laços de nossa fraternidade.



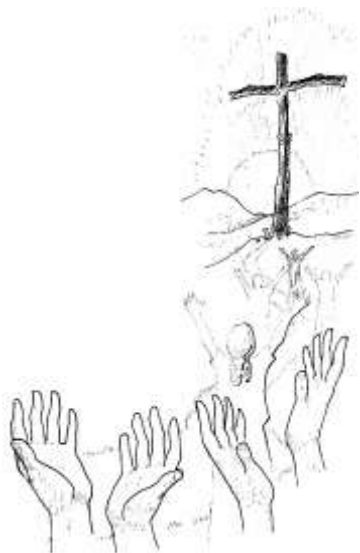
# Formação

---

## Formar é um ofício de amor<sup>6</sup>

### Análise pedagógica da relação entre formador e formando

*Pe. Odinei de Paiva Magalhães, C. M.*



*“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que devíamos ser, não somos o que iremos ser, mas, graças a Deus, não somos o que éramos” (Martin Luther King).*

A monografia tem a pretensão de ajudar Congregações e Institutos a desenvolverem uma formação presbiteral humanizante, que responda aos desafios levantados pelo processo formativo. Tendo no horizonte a relação entre formadores e formandos, trabalhamos as questões de identidade, liderança e revitalização do processo formativo, vislumbrando elaborar intervenções pedagógicas mais relevantes e eficazes.

O tema estudado é provocativo, pois nos motiva a dar passos rumo à gestação de um cotidiano saudável e fecundo ao longo do processo de formação presbiteral. Para que isso se concretize, todos devem manter os olhos abertos para os fatores que fazem a vida girar na mesmice repetitiva, esvaziadora de sentido, desprovida de valor e carente de prazer, inibidora, afinal, do essencial a um processo formativo que se pretenda significativo, profundo e atualizado. O que se deseja, então, é a cooperação solidária, fraterna, evolutiva e amadurecedora, que proporciona a todos as condições para seguir como aprendizes da coerência entre discurso, organização e prática.

---

<sup>6</sup> Síntese da pesquisa desenvolvida em vista da conclusão do Curso de Especialização *lato-Sensu* para Formadores de Presbíteros, ministrado no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), no período de 2010 e 2011.



Para melhor realizar o trabalho, procuramos articulá-lo em três capítulos, refletindo e apresentando luzes e balizas para as mudanças indispensáveis ao desenvolvimento humano. Não pretendemos apresentar nenhuma receita definitiva, apenas apontamos propostas que podem nortear o caminho a ser percorrido.

No primeiro capítulo, tentamos evidenciar os contextos e os fundamentos do processo formativo presbiteral, apresentando os perfis recorrentes entre candidatos ao presbiterado e seus formadores. Outrora, os seminaristas chegavam ao seminário ainda crianças; hoje, o maior número procura as instituições de formação presbiteral após um breve período de acompanhamento vocacional, depois de ter alcançado a maioridade. Outros chegam na fase adulta e com vasta experiência de vida. Diante de cada caso, são necessárias sabedoria e diligência por parte dos formadores, a fim de acolher e formar os vocacionados para a vida, respeitando a etapa do processo evolutivo em que cada um se encontra.

No segundo capítulo, refletimos sobre a importância dos períodos de crises e conflitos no amadurecimento dos candidatos ao presbiterado. Apresentamos os momentos de superação em que os estudantes poderão se conscientizar de que são protagonistas insubstituíveis da formação e de que os momentos de incertezas não podem ser atropelados pela ânsia de atender a desejos e conveniências, mas cultivados como âncoras para seu discernimento. O processo formativo tem sua base na pessoa e se desenvolve com elementos estruturais históricos do candidato, desde as vivências humano-afetivo-sexuais, passando por suas interações nos diferentes ambientes sócio-eclesiais, até chegar às suas experiências mais recentes. Em todas essas vicissitudes, a pessoa intui e descobre mediações do chamado de Deus que constituem a base do seu discernimento vocacional e um critério indispensável do processo formativo. A libertação das crises é facilitada pelo diálogo aberto, sereno e corajoso entre formandos e formadores, por meio de uma relação saudável, enriquecida pelos valores cristãos.

No terceiro capítulo, refletimos sobre a dimensão humana e cristã. A formação participativa, dialogante e com capacidade de autogestar-se

norteará a convivência entre formadores, formandos e instituições. No resgate da tradição, retomamos a figura de Jesus Cristo, fonte inspiradora da autoanálise e da autogestão, que revitaliza a fraternidade e impulsiona o cultivo de relações abertas, transparentes e respeitadas. Nesta parte, redescobrimos o afeto e a busca de relações humanizadoras a partir do Evangelho. A dinâmica do ideário cristão contém valores que descortinam novos horizontes no desenrolar da formação: o respeito à diferença, a busca da unidade na diversidade, o discernimento em valorizar a vida e recusar as estruturas de morte. Somente a pessoa que se reconhece chamada tem condições de mergulhar no mistério de Deus que convoca para uma missão específica na Igreja. Ao refletir sobre os comportamentos humanos e enfrentar a árdua tarefa de buscar novos paradigmas, alguns formadores e formandos permanecem paralisados e sem perspectivas de transformação, pois temem abalar as estruturas intocáveis mantidas por algumas instituições que resistem a abandonar as estruturas obsoletas de um passado imutável.

Vimos, no desenvolvimento da dissertação, que a vocação ao presbiterado é uma realidade misteriosa, divina em suas origens, mas profundamente enraizada no homem que a acolhe em sua estrutura biopsíquica, em suas preferências conscientes ou inconscientes, em seus dinamismos e em suas opções livres. Através da convivência, que faz trilhar caminhos em vista da liberdade cristã e da maturidade pessoal, formadores e formandos tendem a construir uma vida comunitária profundamente humana e enraizada nos valores cristãos. A importância dos formadores está tanto no âmbito da vida religiosa como no da própria vida eclesial, tendo em vista que, no exercício dessa missão, se faz necessário guiar os formandos à santidade, para formá-los na fé e conduzi-los à comunhão com Deus. Assim, os formandos assumirão o compromisso de se tornarem artífices da própria formação, visando promover o espírito de fé e de amor que deve reinar nas Congregações, Institutos e Dioceses que formam os futuros presbíteros. Os candidatos ao presbiterado se colocarão primeiramente em atitude de escuta contínua diante de Deus para acolher seus apelos, conhecer sua vontade

e a ela aderir com convicção. Acreditarão no chamado de Deus e nas pessoas que foram preparadas para coordenar todo o processo formativo. Isso se concretiza quando todos se sentem corresponsáveis pelos compromissos inerentes à metodologia do processo formativo. O dado mais importante, em todo o processo de amadurecimento vocacional, é que *“o formando acolha e assuma, serenamente, a conclusão do discernimento como manifestação da vontade de Deus”* (CNBB. *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, n. 153).

Através de muitas reflexões, o tema estudado deixou transparecer o vigor e a preocupação da Igreja no tocante à formação dos futuros presbíteros. Diante de tantos desafios, resta-nos impregnar-nos do amor de Cristo e confiar na promessa salvadora de Deus criador. Nesse amor constante e nessa promessa salvadora, formadores e formandos olham, sem medo, para a renovação e a transformação do processo formativo. Por trás de novas fases da formação dos presbíteros, permanece viva a face salvadora de Jesus Cristo. Uma autêntica atividade formativa abre para a novidade que surpreende e, às vezes, espanta, cria novas expectativas, amplia os desejos, traz tensão e também insatisfação, pede para mudar hábitos e velhos estilos de vida, desloca para a frente, rumo a horizontes impensados, abre uma nova fase de vida, mas cobra resistências e defesas.

A esperança acena para um futuro promissor, uma vez que o presente se refaz face ao que se destina a ser. Certamente, virão novas reflexões, pois a pesquisa segue seu curso. Se a capacitação dos presbíteros pede novas perspectivas, tentemos efetivá-las com fé e cuidado, contando com as forças coletivas, principalmente das novas gerações, para vivermos outras surpreendentes circunstâncias. Oxalá todo o processo de formação desabroche em primaveras redentoras, pois *formar é um ofício de amor*.

# Na Missão do Céu

---

## Padre Ézio Rodrigues de Lima, C. M.

Campina Verde - 22/09/1918

Belo Horizonte - 09/03/2012



Foi quase completando 94 anos de idade, que Deus chamou o nosso agora saudoso Padre Ézio Rodrigues de Lima.

Nascido em Campina Verde (MG), pertencia a uma família numerosa, cujos pais eram o casal piedoso Paulino Rodrigues de Lima e Maria Abadia de Freitas Lima. Aos dois anos, foi vítima de forte intoxicação. Seu pai deixou em casa o filhinho moribundo e foi confiá-lo a Nossa Senhora das Graças na igreja do lugar, pedindo a Nossa Senhora, que, se fosse da vontade de Deus, o menino escapasse e, mais tarde, se tornasse um sacerdote. E foi esta a vontade de Deus: Sacerdote Missionário.

Partiu para o seminário, a convite de um padre lazarista que, passando por Barretos, convidou aquele menino, lavador de copos num bar, para ser padre. E foi assim que ele atendeu ao convite rumando para o Caraça. Coursou o Seminário Menor no Caraça e o Maior em Petrópolis, onde estudou Filosofia e Teologia. Ordenou-se padre em Petrópolis, no dia 8 de dezembro de 1944. Na Escola Apostólica de Irati, no Paraná, iniciou sua caminhada sacerdotal e vicentina. Dizem seus alunos: *“ótimo professor de grego e matemática”*.

Foi transferido, nos começos de sua vida sacerdotal, de um Seminário para outro, sempre como professor. Em todas essas colocações, jamais se esqueceu de aprimorar seus dotes musicais. Deixou várias composições, entre elas um hino vocacional muito cantado:

“*Grande santo, ó Vicente*”. E o hino a Nossa Senhora das Dores, padroeira de Boa Esperança (MG), cidade onde muito trabalhou como missionário.

Finalmente recebeu, em 1960, justamente no tricentenário da morte de São Vicente, a colocação mais desejada por ele: Diretor das Missões no Norte e Centro Oeste de Minas, com sede na cidade de Diamantina.

Daí para frente, só conseguimos ver, no Padre Ézio, o perfil de um Missionário. Numa carta ao Visitador, Padre Agnaldo Aparecido de Paula, escreveu, em 31 de janeiro de 2007: “*Mais de uma vez, tive oportunidade, de como faço agora, declarar que jamais me arrependi de ser padre e pertencer à Congregação da Missão, na qual **me realizei sobretudo como Missionário. Nas Missões, tive as maiores alegrias da minha vida, sendo instrumento de Deus, em favor de muitos. Digo sempre: Obrigado, Senhor. Estou aqui, estou pronto a Vos servir***” (aos 70 anos de Vocação).

Padre Ézio colocou seus dons sempre a serviço e procurou, cada vez mais, especializar-se **para se tornar melhor Missionário**. Assim, fez curso orfeônico, em Belo Horizonte; Missiologia, no Instituto Católico de Paris; Arqueologia Bíblica, em Israel. São Vicente recomendava que seus Missionários fossem cada vez mais preparados para a missão.

Padre Ézio sabia ou, melhor, tinha a virtude de aceitar outros ofícios para bem servir à Congregação. Por isso, por duas vezes, o Missionário passou a ser Ecônomo da PBCM (1963-1970 / 1982-1986). Após várias outras colocações, finalmente retoma suas funções de Missionário em 1994, em Campina Verde, sua terra natal (Monjolinho).

Não podemos esquecer seu trabalho missionário em Boa Esperança, de onde surgiu a equipe leiga, que pode ser considerada uma semente das Missões, realizadas hoje com leigos da Família Vicentina. Zelo Missionário do Padre Ézio.

Quando completou 80 anos de idade, seus amigos e familiares lhe prestaram uma merecida e bonita homenagem, da qual queremos transcrever a prece que foi rezada naquela ocasião e que hoje

se torna a nossa prece da PBCM em favor do saudoso Missionário Vicentino, Padre Ézio Rodrigues de Lima:

*Ó Pai, que destes a vida,  
fizestes esta vida se direcionar para Vós.  
Levastes esta vida a um ideal.  
Preservastes esta vida para fazer-vos conhecido  
e amado por muitos que não vos conhecem ainda.*

*Conservastes esta vida no trabalho incansável  
para exemplo de todos os que vós escolhestes e chamastes.  
Fizestes desta vida operário incansável no dever missionário.*

*Nós vos pedimos, Senhor,  
concedei-lhe a graça de vos servir sempre, até o dia em que,  
quando cumprida a tarefa do dever missionário,  
goze convosco as delícias da eternidade.*

*Amém. Aleluia!*

**Pe. Luiz de Oliveira Campos, C. M.**

# Notícias

---

## I – Notícias do Visitador

**1.** Pe. Sebastião de Carvalho Chaves encontra-se na Casa Dom Viçoso, Belo Horizonte (MG), assumindo o ofício de superior da Comunidade. Aproveitamos o ensejo para expressar ao Pe. João Carneiro Saraiva nossa mais sincera gratidão por sua abnegada dedicação ao mesmo ofício por dois mandatos consecutivos e desejar-lhe pleno êxito no tratamento de sua saúde, tão preciosa para todos nós.

**2.** A nosso pedido, Pe. Francisco Ermelindo Gomes aceitou ser membro da Equipe Central do Serviço Vicentino de Animação Vocacional (SVAV), dispondo-se a conciliar essa atribuição com seu ofício de Diretor Provincial das Filhas da Caridade. Deste modo, Pe. Alexandre Nahass Franco, coordenador do SVAV, terá mais um colaborador neste serviço de fundamental importância para nossa Província.

**3.** Os Coirmãos da Casa Central se dispuseram a ajudar na celebração da Semana Santa em outras localidades, a saber:

- \* Pe. Geraldo Barbosa: Nova Sepetiba (RJ);
- \* Pe. Eduardo Raimundo e Ir. Adriano: Riacho Fundo II, Brasília (DF);
- \* Pe. Emanuel: Correntina (BA);
- \* Pe. Lauro: Caraça (MG);
- \* Pe. Alex Sandro: Comunidade Nossa Senhora do Cenáculo, Rio (RJ);
- \* Pe. Agnaldo: Arcos (MG)

## II – Família Vicentina BH

1. No dia 15 de março, a Família Vicentina – Regional BH se reuniu para celebrar em comum a solenidade de Santa Luísa de Marillac, com a convicção de quem reconhece o papel sumamente relevante que essa mulher, toda de Deus e tão profundamente humana, desempenhou na definição do perfil caritativo-missionário de nosso carisma



missionário. A celebração eucarística teve lugar na Capela da Creche Menino Jesus, das Filhas da Caridade, e, apesar da forte chuva, reuniu numerosos representantes dos 9 Ramos que compõem o nosso Regional. Assim, elevamos à Trindade Santa um jubiloso hino de louvor e gratidão pelo dom da vida e da santidade de Luísa de Marillac, cujo testemunho se apresenta como uma parábola de amor, um caminho de esperança e uma nova profecia do Reino para os Pobres, para a Igreja, para o mundo inteiro.

2. Mais uma vez, celebramos a Semana Santa, retornando à mesma paróquia em que se realizaram as Santas Missões Populares Vicentinas, em janeiro deste ano: Coronel Murta, diocese de Araçuaí (MG). Intensamente vivida, com muito trabalho e grande proveito, a Semana Santa Missionária se constituiu numa bela oportunidade de prolongar, enriquecer e consolidar a sementeira das Missões de janeiro, por meio de celebrações, visitas e encontros em 10 comunidades da paróquia. Na adesão às sugestões apresentadas, na implementação de iniciativas, no anseio de uma formação pastoral mais consistente e no desejo de uma vida comunitária mais dinâmica e participativa, foi possível perceber os primeiros rebentos das sementes lançadas nas Missões,



sobretudo no que diz respeito ao crescimento do espírito missionário. Na sede da paróquia, foram realizadas algumas reuniões tendo como base o relatório elaborado a partir das observações e propostas dos missionários, considerando a realidade sócio-política e a caminhada eclesial. Assim, elaborou-se o projeto da Pós-Missão, articulado a partir das prioridades estabelecidas pelas lideranças paroquiais e a ser desenvolvido em três etapas com o intuito de favorecer a assimilação dos conteúdos e a participação de maior número de animadores das comunidades rurais:

17-19 de agosto de 2012	Formação da Consciência Crítica
28-30 de setembro de 2012	Formação Litúrgica
12-14 de outubro de 2012	Formação Bíblica
13-20 de janeiro de 2013	Formação de Lideranças e Retiro Paroquial

Para cumprir esse programa, Coirmãos, Filhas da Caridade e Leigos já se dispuseram a colaborar como assessores dentro de suas respectivas áreas de interesse e atuação. É assim que a Família Vicentina espera prosseguir numa conveniente adaptação às exigências e apelos da realidade em que as Missões se realizam e responder de maneira consistente, séria e amadurecida aos desafios da Caridade e da Missão.

**Pe. Vinícius Augusto R. Teixeira, C. M.**

## III – Reabertura do Instituto São Vicente de Paulo



*“A eficácia apostólica não depende da intensidade do esforço humano ou da multiplicidade das atividades, mas unicamente da conformidade com a vontade de Deus”.*

(SV II, 236)

Temos a grata satisfação de comunicar que, no dia 3 de fevereiro, as Casas de Formação de Belo Horizonte, Instituto São Vicente de Paulo (Propedêutico e Filosofia) e Seminário São Justino de Jacobis (Teologia) reuniram-se em confraternização para louvar e bendizer a Deus por seus grandes feitos.

Presidida pelo Visitador, Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, e concelebrada por alguns Coirmãos, entre eles os formadores, a Celebração Eucarística marcou a abertura das atividades de início do semestre, a acolhida dos novos seminaristas propedêutas, a emissão e renovação do Bom Propósito e a esperada reinauguração do Instituto São Vicente de Paulo.

Nós, seminaristas e formadores, queremos expressar nossa profunda gratidão à Direção Provincial, que não mediu esforços para a reforma dessa importante casa da PBCM, agora mais bela ainda e confortável para o inteiro uso da formação dos nossos e o acolhimento dos Coirmãos e demais amigos que por aqui passarem.

Contamos também com a presença amiga das Filhas da Caridade, dos professores, colaboradores e operários que trabalharam durante meses na reforma do Instituto.

Peçamos a nosso Santo Fundador que nos conceda sempre, no decorrer de nossa caminhada, o carisma da caridade e o espírito missionário.

**Adalberto Silva Costa**  
3º Ano Filosofia

## IV – Nossas Casas de Formação

### A) Do Seminário Interno

A comunidade do Seminário Interno Interprovincial São Vicente de Paulo participou, entre os dias 5 e 9 de março, do I NOVINTER do ano de 2012, com o tema: *Mística, Profetismo e Missão*. Este encontro realizou-se na Casa São Leopoldo Mandic, dos Frades Capuchinhos, na cidade de Hidrolândia (GO). A



assessoria esteve a cargo da Irmã Rejane Paiva, Dominicana, de Araxá (MG). A assessora conduziu o encontro de forma bem dinâmica, partindo das contribuições dos participantes e utilizando continuamente a Bíblia para construir conjuntamente algumas questões acerca da temática.

O próximo Novinter está marcado para os dias 14 a 18 de maio de 2012, no mesmo local, com o tema: *A graça supõe a natureza: a dimensão humano-afetiva na vida religiosa*, e contará com a assessoria de Dom Joaquim Carlos Carvalho, OSB.

Só temos a agradecer ao nosso Deus por tantas graças recebidas e por mais uma oportunidade de enriquecer-nos no conhecimento de sua vontade e também de conhecer e partilhar da realidade de tantos outros irmãos e irmãs que estão na mesma caminhada rumo à concretização deste projeto de amor e graça. Contamos com as orações de todos e desejamos que a graça e a paz de Deus nosso Pai estejam com todos nós.

**José Carlos Galeno de Olivindo (PFCM)**

## **B) Do Teologado**

No dia 3 de março, a Comunidade do Seminário São Justino de Jacobis (Teologia) subiu a Serra da Piedade para uma manhã de espiritualidade quaresmal. Depois de rezar e refletir juntos, celebramos a Misericórdia de Deus na confissão sacramental e na Eucaristia, gentilmente atendidos pelos padres que trabalham no Santuário. Nossa manhã se concluiu com um fraternal almoço.

A Semana Santa foi intensamente celebrada e profundamente vivida junto às Comunidades de nossa Missão-Paróquia de Francisco Badaró, em atenção à solicitação dos Coirmãos que lá trabalham, e na Paróquia de Coronel Murta, em parceria com outros Ramos da Família Vicentina. Páscoa de Cristo na páscoa dos Pobres!

No dia 10 de abril, tivemos um encontro de formação sobre *afetividade e sexualidade no exercício do ministério presbiteral*, assessorado pelo Pe. Amarildo José, da diocese de Divinópolis, professor de Teologia Moral no ISTA. Tema pertinente, abordagem esclarecedora, discussão séria, experiência proveitosa.

No dia 13, celebramos a Páscoa da Comunidade, com alegria, simplicidade e espírito fraterno, frutos da Ressurreição do Senhor.

**Comunidade do SSJJ**